

A LITERATURA DE UM GRUPO EM QUESTÃO

Gerson Roberto Neumann (UFRGS)

Quando se fala da literatura produzida por um grupo imigrante em um país, costuma-se usar adjetivos, muitos pátrios, referentes às origens desses grupos. Nomear tal literatura aparentemente não traz muitas dificuldades, pois se une simplesmente os dois grupos. Existem, contudo, muitas diferenças no interior de cada um desses grupos, e que por sua vez passam despercebidas, prejudicando as formas de expressão de determinadas vozes. O simples fato de se unir dois grupos com a intenção de formar uma unidade não significa que necessariamente se agregue, mas pode causar conflitos de diversas formas.

O Brasil é caracterizado por ser formado por diversos grupos de imigrantes, e por conseqüência deveria apresentar representações das diversas vozes que caracterizam as identidades desses grupos. Isso não significa, contudo, que necessariamente se tenha uma literatura produzida por autores pertencentes a um grupo sobre sua experiência no novo contexto ou sobre os contatos e as relações com a nova realidade, mas pode ocorrer a representação da imagem criada a partir da presença de um novo elemento, um alienígena, no meio antes dominado somente pelo nativo ou já fixado há mais tempo no local. Como exemplos de obras que trazem representações de elementos novos no meio podem ser citadas as obras de *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo; *Canaã*, de Graça Aranha ou *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães. Trata-se de três autores cujas obras estão inseridas na historiografia da literatura brasileira, autores não-imigrantes, mas que inserem nas suas obras a representação de imigrantes, elementos novos na realidade brasileira. Mas aí perguntamo-nos sobre as obras de Karl von Koseritz, Wilhelm Rotermund, Rudolf Damm, Maria Kahle entre outros. Trata-se de autores que chegaram ao Brasil no século XIX e aqui escreveram, publicaram e se tornaram conhecidos, sendo que suas obras já foram objeto de estudos acadêmicos e têm seu valor reconhecido. De que literatura estamos falando aqui? Temos aí autores que refletiram e escrevem sobre o novo contexto, no qual eles passam a viver. Cabe salientar, além disso, que os autores são imigrantes pertencentes ao contexto de fala alemã. Poderíamos muito bem transferir essa discussão para a imigração de italianos, sírios e libaneses, japoneses, poloneses entre outros. Além disso, seria interessante refletir sobre a pluralidade da produção literária das diversas representações imigrantes no Brasil, o que certamente traria muitos dados novos que viriam a enriquecer o panorama literário de nosso país.

Em 1847, o autor José Antônio do Vale Caldre e Fião (1824-1876) faz a primeira referência, com a obra *A divina pastora*, de uma família alemã, Hendrichs, que se fixa em São Leopoldo.

Em 1852, surgiu o primeiro jornal direcionado para as comunidades alemãs no Brasil, denominado *Der Colonist* (O Colono). Foi editado pelo diretor do diário *O Mercantil*, por sinal um homem de origem não-alemã, José Cândido Gomes. O primeiro jornal não circulou por muito tempo; existiu por menos de um ano. Os assuntos publicados tratavam de comércio, indústria e agricultura, além da tradução das leis mais importantes do Império, com o intuito de ampliar o conhecimento dos colonos.

O segundo jornal, *Der deutsche Einwanderer* (O imigrante alemão), já existia no Rio de Janeiro, mas, por motivos financeiros, Dr. Kiekbach transferiu-o para Porto Alegre, em 1854, sendo então adquirido por Theobaldo Jaeger, e tendo como redator-chefe Carl Jansen. Sua existência também não foi muito longa, encerrando suas atividades em 1861. Mas no mesmo ano, suas instalações foram compradas por um grupo de comerciantes. Dessa iniciativa resultou o primeiro jornal de cunho alemão no Brasil que desenvolveu um longo e importante trabalho, o *Deutsche Zeitung* (Jornal Alemão), que existiu até 1917. Importantes redatores passaram pelo jornal, entre eles Karl von Koseritz. O jornal caracterizou-se pela sua tendência liberal e anticlerical

Estamos falando de um período de intensa produção em solo brasileiro. Trata-se da produção de imigrantes alemães e descendentes que têm a intenção de relatar e escrever para as pessoas do seu meio. No editorial do suplemento literário *Unterm südlichen Kreuz* (Sob o Cruzeiro do Sul), de 1899, do *Deutsche Post*, lê-se a primeira grande preocupação em relação à publicação de textos de cunho literário produzidos em língua alemã no Brasil, principalmente, ao fato de que essa produção também devesse estar acessível aos que a quisessem ler. Como se pode ler no editorial do primeiro número, produção já existe, mas não havia como publicá-la até então:

Passamos aqui pela encantadora natureza e por fim, nós mesmos ficamos encantados. Tivéssemos nós alguém que abrisse os nossos olhos para as inúmeras belezas e nô-las esclarecesse! Não é correto que se nos guiem sempre sob a Ursa Maior do céu do Norte, quando habitamos sob o Cruzeiro do Sul, e festejemos Natal em neve e gelo, quando mal sabemos conviver com o calor (...) Seria bom e certamente também útil se tivéssemos uma série de retratos sérios e alegres das pessoas e da terra, sob a qual o Cruzeiro do Sul faz a sua trajetória silenciosa. Muitos, isto eu sei, já fizeram tal estudo, mas deixaram-no descansar na pasta, porque, segundo eles, não havia emprego para este tipo de esboço. (ROTERMUND, 1899. Editorial)

E a antropóloga Giralda Seyferth complementa no seu texto “A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade”:

Em todas essas publicações havia espaço para obras de ficção e, principalmente, poesia, produzidas por autores teuto-brasileiros e,

muito eventualmente, para traduções de obras poéticas de autores brasileiros. Poucos autores publicaram seus textos ficcionais na Alemanha, e aqueles que tiveram essa abertura editorial eram mais conhecidos por seus relatos de viagem ou por trabalhos dedicados à história da colonização. (SEYFERTH: 2004).

Trata-se, portanto, de uma literatura produzida por um grupo distinto, escrita com o fim específico, e escrita em língua alemã (e também em português, com o passar do tempo).

Segundo Marion Fleischer, que procura definir a literatura aqui em questão, mas acaba por se fixar mais nos objetivos da mesma,

essa literatura propunha-se contribuir para a conservação da língua e das tradições alemãs, e paralelamente desejava, através de seus representantes, assumir a tarefa de veicular em terras brasileiras o patrimônio cultural de que se acreditava preceptora. Em consonância com tal meta, procurou-se despertar no imigrante e em seus descendentes um 'sentimento nacional', no qual se fundiam amor à terra e dedicação à nova pátria. Encontram-se aqui as raízes da laceração emocional que se externa em tantos textos da literatura teuto-brasileira. (FLEISCHER: 1981)

Afinal, estamos falando de uma literatura muitas vezes ligada por um hífen: literatura teuto-brasileira, termo usado, entre muitos outros, por Seyferth, que por sua vez cita Emílio Willems para complementar a aplicação do termo:

Emílio Willems recorreu à noção de "cultura híbrida" para afirmar a especificidade cultural **teuto-brasileira**, numa tentativa de superar certos limites dos conceitos de assimilação e aculturação então vigentes nas análises de processos migratórios. O hibridismo cultural contém o pressuposto da duplicidade resultante do contato dos imigrantes e seus descendentes com o meio ambiente, a sociedade e a cultura brasileiras, expressado pelo uso analítico da categoria teuto-brasileiro (*Deutschbrasilianer* ou *Deutschbrasilianisch*). (SEYFERTH: 2004)

Como já comentamos acima, o hífen pode agregar, mas também pode ser o marcador de uma marginalização, uma exclusão dos dois grupos representados pelo hífen. Nesse caso, também é importante citar os estudos do alemão Ottmar Ette que analisa a produção literária que não consegue ser definida espacialmente e esta muitas vezes também é classificada com o já citado hífen. Segundo o autor, a literatura e a ciência repousam sobre um imenso número de deslocamentos e que, por isso, mais raramente são percebidas e refletidas.

No caso do imigrante alemão no Brasil, basicamente um homem rural, apresenta-se aí um caso de "homem marginal" que inicialmente vive praticamente "recluso" na sua língua em regiões para ele previstas, regiões de vales que deveriam ser ocupadas por ele para que nessas

áreas de produção em lavouras de pequeno porte também ocorresse o desenvolvimento e a progressiva expulsão dos índios. Da mesma forma que Ette, Fleischer afirma que os grupos de imigrantes fixados no Brasil “caracterizaram-se pelo isolamento cultural, e suas causas foram atribuídas ora ao problema da diferença de idiomas e costumes, ora às grandes distâncias que separavam as colônias entre si e dos centros urbanos.” (FLEISCHER: 1981, p. 15) Da mesma forma como o imigrante é considerado um homem marginal, que vive entre dois mundos, a sua literatura, segundo Seyferth, “tem sido considerada de baixa qualidade formal e destinada a um público apenas alfabetizado, não erudito, e demonstrativa da ‘ambivalência’, ‘dualidade’ e particularismo dos descendentes de imigrantes. (SEYFERTH, 2004. Ver também KUDER, 1936/37; HUBER, 1993, 2002, 2003)

Contudo, apesar de ser um homem recluso no seu contexto, temos aí um homem que transita entre dois mundos e entre duas línguas, e que se encontra em um processo de construção identitária híbrida, a junção de duas realidades, o que se pode identificar em alguns poemas, dos quais citamos aqui apenas alguns títulos extraídos do livro de Marion Fleischer, já bastante representativos: de Carlos H. Hunsche: *Heimat Brasilien* (Pátria Brasil); de Rudolf Hirschfeld: *São Paulo*; de Dora Hamann: *Brasília*; de Karl Fouquet: *Der Einwanderer* (O imigrante).

Os escritores citados anteriormente e que integraram o grupo de produtores da literatura chamada teuto-brasileira podem ser classificados como de *status* mais elevado, por pertencerem às famílias que ascenderam socialmente, e interagiram (ainda que, em alguns casos, temporariamente) nos salões particulares e das associações. Seus escritos são versões simbólicas da estruturação da "comunidade étnica" (SEYFERTH, 2004) num formato teuto-brasileiro, o conteúdo cultural da etnicidade figurando como marcador identitário da fronteira com a sociedade nacional. Esses símbolos, no entanto, necessitam de constantes reinterpretações e recriações pelo fato de processar-se a assimilação e a adaptação desse elemento que está ingressando no novo meio. Nesse caso, há uma junção do passado, do presente e do futuro para permitir que se efetue uma continuidade transcendente da nação. Stuart Hall vê a nação como “uma comunidade simbólica e é isto que explica seu ‘poder de gerar um senso de identidade e fidelidade’” (HALL, S. 1997, p. 54; NEUMANN, 2000). Nesse sentido, a literatura não deve ser pensada apenas pela lógica da ambivalência (o indivíduo entre duas culturas), como ocorre frequentemente.

Referente a isso, elencamos mais uma questão pertinente a essa literatura: onde se localiza essa literatura, produzida por imigrantes alemães no Brasil em língua alemã? Em outras palavras, na Alemanha são raros os estudiosos da literatura que defendem a inclusão de uma literatura ficcional publicada fora da Alemanha, mesmo que em língua alemã, mas que tematize o contexto circunstancial em que estão inseridos os produtores da mesma. A referência que talvez possa ser denominada de mais importante e que defende a inclusão da literatura produzida fora das Alemanha é a obra *Deutsche Minderheitenliteraturen* (Literaturas de

Minorias Alemãs), de Alexander Ritter. O autor usa o conceito *auslandsdeutsche Literatur außerhalb der Grenzen Europas* (literatura estrangeira fora das fronteiras da Europa), o que notadamente poderia ser um ponto favorável à inclusão da literatura teuto-brasileira na literatura alemã. Contudo, a obra de Ritter não é ponto comum na história da literatura alemã e acreditamos que a literatura dos imigrantes alemães e seus descendentes aqui produzida e publicada não chega a ser observada no contexto literário alemão e geralmente nem se tem conhecimento da mesma. Por outro lado a literatura brasileira não a reconhece como literatura brasileira por se tratar de uma produção em língua alemã, apesar de a temática geralmente girar em torno do contexto brasileiro em que estão inseridos os imigrantes.

A literatura, portanto, não é amplamente assumida pela literatura alemã e na brasileira isso não entra em questão. A partir disso, perguntamo-nos se é possível definir uma representação literária de um grupo híbrido, de um grupo que, usando talvez o conceito de Stuart Hall, está na diáspora, como ele cita o exemplo dos jamaicanos na Inglaterra – o que absolutamente não é comparável ao caso dos alemães no Brasil – e que busca se estabelecer no novo contexto. A pessoa no novo contexto está diretamente em contato com tudo que o seu meio lhe oferece.

A pergunta que podemos nos fazer a partir dessas reflexões é se de fato é preciso definir essa literatura e como isso poderia ser realizado com menos prejuízo. Já existem definições, mas que nem sempre satisfazem as necessidades, visto que a literatura permanece marginal e ignorada. Por outro lado, não se quer deslocar essa literatura a um centro das atenções. Voltando ao questionamento colocado acima, a meu ver estamos lidando com uma literatura híbrida que, apesar de ser escrita em língua alemã, sendo por isso classificada de alemã, já apresenta diversos elementos da língua local, de português, como podemos ver a seguir: “Wie einer durch einen *Cipo* festgehalten wurde” (A história do homem que foi pego pelo cipó), conto de Wilhelm Rotermund, publicado em 1882, no *Kalender für dei Deutschen in Brasilien*. Assim como neste caso, há diversos exemplos de inserção de elementos do novo meio em que se encontra o escritor. Isso ocorre tanto na lírica como na prosa, mas percebe-se mais na prosa, pois a necessidade de vocabulário relacionado ao meio é maior, além disso, através de diálogos as personagens se expressam da maneira como o fazem os imigrantes, representados e também leitores dessa literatura. É também por isso que Rotermund – imigrante falante de língua alemã, com doutorado em filosofia e atuante como pastor protestante no Brasil, ou seja, usa a língua materna nas suas atividades profissionais – abdica da literatura em alemão padrão e aproxima-se da língua híbrida que de fato se pratica no contexto imigratório. Desta forma, a literatura produzida neste contexto e escrita para os imigrantes fica realmente incompreensível, ou pelo menos de difícil compreensão, para um possível leitor alemão. Da mesma forma, para um leitor brasileiro não falante de alemão a literatura em questão fica igualmente de difícil compreensão. O fato de existirem termos e expressões em português ou

então nomes de pessoas incomuns ao contexto alemão não impede que o texto possa ser lido e compreendido por um alemão. A sua compreensão será maior que a de um leitor brasileiro.

CONCLUSÕES

Continua sendo difícil definir a literatura desse grupo imigrante. Apoiando-nos novamente nas obras de Ottmar Ette, *Zwischenweltenshreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz* (Escreverentremundos. Literaturas sem local definido) e *Überlebenwissen. Die Aufgabe der Philologie* (Sabersobreviver. A função da filologia) (ETTE, 2005, p. 59), concluímos que essa literatura não precisa necessariamente ser definida, mas ela necessita ser trabalhada, pois, segundo Ette, a função da literatura – assim como da filologia – é tornar audível o que há muito se acreditava perdido e arrisco dizer mais, tomando aqui especificamente a literatura dos imigrantes alemães, tornar audível e re-conhecida essa literatura que está presa dentro de arquivos. Trata-se de uma literatura que pode ser classificada como literatura marginal, ou então de uma literatura que nem é classificada, o que é pior, pois isso significa que ela não existe. Mas existem estudos, como alguns citados acima e há ainda outros, contudo pensou-se aqui refletir esse conjunto que compõe a literatura de expressão alemã no Brasil ou então a literatura teuto-brasileira ou ainda a literatura dos imigrantes alemães no Brasil para tentar definir um local, onde ela pudesse ser pensada. Chega-se, contudo, a uma conclusão, não definitiva: a de que se tome essa literatura como uma unidade não formada por elementos de duas ou até mais culturas, mas como uma unidade que se hibridiza e cria uma identidade única que não traz em si as definições de alemã e brasileira.

Cabe salientar ainda um elemento importante nesse contexto: a língua. Os autores escrevem e publicam os seus textos em língua alemã e com o passar do tempo inserem palavras da língua local. Se essa literatura fosse redigida na língua local, ela passaria a ser literatura brasileira? A língua desempenha, portanto, um fator de grande importância neste contexto e poderia até mudar uma definição.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Ivânia C. *A representação do imigrante alemão no romance sul-rio-grandense: A divina pastora, Frida Meyer, Um rio imita o Reno, O tempo e o vento e A ferro e fogo*. 2007. Tese (doutorado em literatura) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ETTE, Ottmar. *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Göttingen: Verbrück Wissenschaft, 2001.

ETTE, Ottmar. *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kadmos, 2005.

ETTE, Ottmar. *Übe Lebenswissen. Die Aufgabe der Philologie*. Berlin: Kadmos, 2004.

FAUSEL, Erich. Literatura Rio-Grandense em língua alemã. In: *Enciclopédia Rio-Grandense. Vol II - O Rio Grande Antigo*. Canoas: Ed. Regional, 1956, p. 222-239.

FLEISCHER, Marion. Elos e Anelos da Literatura em Língua Alemã no Brasil. São Paulo: Ed USP, 1981.

GARNICA DE BERTONA, Cláudia. Auslandsdeutsche Literatur in Argentinien. In: VALENTIN, Jean-Marie. *Akten des XI. Internationalen Germanistenkongresses "Germanistik im Konflikt der Kulturen"*. Band 6, Frankfurt aM: Peter Lang Verlag. 2005, 95-104.

HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende, Belo Horizonte: UFMG, 2009.

HUBER, Valburga. *Saudade e esperança*. Blumenau: Ed. FURB, 1993.

HUBER, Valburga. Natureza na literatura teuto-brasileira: paraíso natural x paraíso construído. *Blumenau em Cadernos*, v. 43, n. 11/12, p. 34-43, 2002.

HUBER, Valburga. "O sentimento patriótico na literatura teuto-brasileira". In: *Blumenau em Cadernos*, v. 44, n. 1/2, p. 52-60, 2003.

KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial - magistério e imigração alemã*. Porto Alegre: UFRGS; Caxias do Sul: EDUCS; Florianópolis: UFSC, 1991.

KUDER, Manfred. Die deutschbrasilianische Literatur and das Bodenständigkeitsegefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien. *Ibero Amerikanisches Archiv*, v. 10, n. 4, p. 394-494, 1936/37.

NEUMANN, Gerson R. *A Muttersprache (língua materna) na obra de Wilhelm Rotermond e Balduino Rambo e a construção de uma identidade cultural híbrida no Brasil*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2000.

ROTERMUND, Wilhelm. “Unterm südlichen Kreuz” In: *Deutsche Post*, 4 de janeiro de 1899. São Leopoldo: Editora Rotermond.

SEYFERTH, Giralda. “A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade.” In: *Horizontes Antropológicos*. vol.10 no.22 Porto Alegre July/Dec. 2004.